

Associação de Estudantes da Universidade Portuguesa

Universidades privadas suprimiram a escassez de oferta do Estado

— depoimento de membros da Direcção

É já na próxima semana a reunião do conselho de administração da Associação de Estudantes da Universidade Portuguesa. Entre os temas a serem discutidos estão os resultados do trabalho desenvolvido pela Direcção da Associação de Estudantes da Universidade Portuguesa, nomeadamente Alberto Manuel de Melo Pedroso (3.º ano de Gestão de Empresas, actual presidente associativo), Paulo Miguel Fernandes Pinto Félix (4.º ano de Informática (I.A.)), vice-presidente, e José Diogo Fernandes de Almeida (3.º ano de Direito), director do Departamento de Tradições Académicas.

— P.J. — Como se insere a Associação de Estudantes da Universidade Portuguesa no âmbito da Academia do Porto?

Melo Pedroso — Na Academia do Porto existem 15 associações de estudantes de faculdades do Estado e três associações de estudantes das universidades privadas, designadamente 2 no âmbito da Universidade Católica e 1 da Universidade Portuguesa.

Este conjunto de associações da Universidade do Porto e das universidades privadas constitui no seu todo a Academia portuguesa.

— P.J. — Como interpreta e justifica a acção das universidades privadas no contexto do Ensino Superior?

Melo Pedroso — Parece-me muito importante a existência de universidades privadas. Em primeiro lugar, vieram completar as tarefas formativas das universidades do Estado que, por força do «número chiuso», não têm capacidade de dar resposta à procura do Ensino Superior.

Oras as universidades privadas suprimiram, assim, a escassez de oferta do Estado e vieram repor um princípio de justiça social, pois nada justificava que um aluno do 12.º, com uma média de 14 valores, tivesse acesso ao Ensino Superior, e um outro com média de 13,9 valores, ficasse impedido de prosseguir os seus estudos a nível universitário.

As universidades privadas também vieram corrigir a «migração de estudantes para centros de formação fora do âmbito familiar» o que é compensador em custos de instalação e deslocação, para lá do desequilíbrio patológico resultante do isolamento causado pela transferência do local onde sempre vive-

ram. O que é aparentemente caro, ou seja, o pagamento de propinas, toma-se em custos reais relativamente muito mais barato.

Do ponto de vista curricular, as universidades privadas abriram caminho a novos cursos, nomeadamente em Biociências, na Universidade Católica, Informática e Gestão, na Universidade Portuguesa. Por outro lado, propiciaram a mineração de cursos, como o de Direito, que por tradição existiam exclusivamente nas Universidades de Coimbra e de Lisboa.

Para lá das razões invocadas, as universidades privadas recuperaram temporariamente para os corpos docentes um espaço de professores de Ensino Superior, de comprovado saber científico que, por meras razões ideológicas, tinha sido saneado das universidades do Estado durante o conturbado período revolucionário.

O lançamento da «Revista Africana» como achega cultural e histórica

— P.J. — Qual o contributo que a Universidade Portuguesa tem dado ao País no campo cultural?

Melo Pedroso — Os factores de ordem cultural associam-se ao desenvolvimento científico e repercutem-se na própria evolução das universidades estatais, estimuladas, sem dúvida, pela saúde concorrencial das universidades privadas.

Como importante achega cultural e esclarecimento histórico está o lançamento pela Universidade Portuguesa da «Revista Africana» cuja publicação é dirigida pelo Prof. Doutor Silva Cunha.

Ainda no âmbito cultural estiveram entre nós o adi-

to e o consórcio americano que divulgaram a experiência e os resultados positivos que as universidades privadas alcançaram nos seus países.

Entre outras iniciativas relevantes da Universidade Portuguesa, sobressai o Recital de Música Clássica na Secretaria de Estado da Cultura, que cedeu gratuitamente as suas instalações, e o Sarau Cultural no qual participaram o rancho folclórico e o grupo de dança-jazz da nossa universidade, valorizado pela colaboração artística de outras universidades.

No campo técnico-científico, foi publicado recentemente um caderno de casos práticos de Direito de Obrigações, cuja segunda edição está já no prelo. Além disso, está prevista a publicação de uma secção de «Processo Civil», segundo as preleções do Dr. António Montalvão Machado, e em empenho a publicação de um jornal especializado em assuntos de Direito, com a colaboração de professores e alunos, de forma a dar uma informação pontual sobre as alterações à lei que, anualmente, decorrem sobre várias matérias. Ainda em empenho a formação do Orçamento Académico da Universidade Portuguesa.

São ainda dignas de realce as pesquisas arqueológicas levadas a cabo pelo Departamento de Ciências Históricas cujas escavações têm trazido a lume várias descobertas de interesse científico. Aproveito a oportunidade para incentivar este departamento a iniciar-se na pesquisa sub-aquática que oferece um vasto campo de perspectivas face à ampla orla marítima que o nosso País dispõe.

— P.J. — Que há a referir quanto à acção social e às novas instalações da Universidade Portuguesa?

Melo Pedroso — A Universidade Portuguesa tem desenvolvido um precioso trabalho de solidariedade social, mediante a concessão de bolsas de estudo cujos critérios de distribuição têm sido escrupulosamente seguidos, beneficiando os alunos mais carenciados.



Os factores de ordem cultural associam-se ao desenvolvimento científico e repercutem-se na própria evolução das universidades estatais. — afirmou Alberto Melo Pedroso, presidente da A.E.U.P., durante o depoimento prestado por membros directivos. (Foto de Carlos A. Teixeira)

— O início da construção das futuras instalações da Universidade Portuguesa, que ficam situadas na Zona Universitária do Hospital do S. João, é um acontecimento que a direcção da Associação Académica desta universidade não pode deixar de referir. Trata-se de satisfação dos justos anseios dos que, desde a primeira hora, contribuíram para o nascimento da Universidade Portuguesa que se está a implantar na cidade do Porto com idoneidade científica e dignidade de instalações de forma a servir a cidade e o País.

— P.J. — No campo do desporto, qual a acção desenvolvida pela Associação da Universidade Portuguesa?

Paulo Félix — O departamento de informações da Associação não está à vista, mas representa uma tarefa exaustiva que consome aos seus dirigentes inúmeras horas de trabalho.

— No campo desportivo, inscrevemos as equipas de futebol de onze, «rugby», xadrez, andebol, voleibol, ténis de mesa, e a nível da própria universidade realizamos um torneio de bilhar.

— Desta nossa actividade desportiva resultou a obtenção do campeonato universitário do Centro Desportivo Universitário do Porto (CDUP), na modalidade de futebol de salão, e ficamos em 4.º lugar, na Covilhã, onde se disputou o campeonato nacional com a participação de 8 equipas.

— A equipa de voleibol sobu à 1.ª Divisão do CDUP, e tivemos presentes honras nas restantes modalidades.

— Este ano vamos manter em actividade todas estas modalidades e participaremos, pela primeira vez, no campeonato de basquetebol, organizado pelo CDUP. A Universidade Portuguesa será representada por um universitário no campeonato de «windsurf».

Um dos melhores parques informáticos do País

— P.J. — Qual o papel da informática no seio da Associação Académica?

Paulo Félix — O departamento de informações da Associação está já informatizado o que vai permitir uma acção informática mais eficiente das nossas actividades, das reuniões de direcção e uma possibilidade de esclarecer todos os estudantes da Universidade Portuguesa sobre a vida da nossa Universidade.

Está também em funcionamento um serviço de fotocópias, a preços acessíveis, aberto a todos os estudantes e a todos os órgãos da Universidade.

Quanto às relações externas, conseguimos superar alguns obstáculos aparentemente intratáveis, de forma a integrarmos na Academia do Porto, durante o 1.º ano da nossa existência como instituição universitária, e participar activamente na Quilina dos Pires. É certo

Dia

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Associação Académica
Univ. Portuguesa

JAN FEV MAR ABR MAI JUN JUL AGO SET OUT NOV DEZ

SECTOR DE RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/ENSINO PARTICULAR/OPINIAO

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

que este honroso privilégio não se converter em grande parte à boa vontade e compreensão dos dignos da Academia que, no nosso caso, demonstraram que a amizade e a solidariedade entre os estudantes não são palavras vãs.

Gostaria de fazer uma referência particular ao Departamento de Informática da Universidade Portuguesa que possui um dos melhores parques de informática do País, quer em tecnologia, material e humana, quer em programas. Embora a Associação não tenha qualquer intervenção directa neste sector, que é autónomo e está integrado na Universidade Portuguesa, penso que é nosso dever divulgá-lo. Efectivamente, todo o material e utilização do departamento informático da Associação é produto da estreita colaboração do Centro de Tecnologia de Informação com os membros directivos da Associação Académica da Universidade Portuguesa.

A recepção ao caloiro deixará boas recordações

«PJ» — Como se insere a tradição académica nas actividades da Associação?

Diego Falcão — A tradição académica tem um grande significado no âmbito da Academia. Se é certo que a cultura é o veículo que liga o passado ao presente, também é certo que a tradição académica é o resumo de um conjunto de usos e de costumes que têm sido constantemente aplicados a nível estudantil ao longo dos tempos, apesar de algumas suspensões de menor ou maior alcance temporal, sempre que foi decretado luto académico a nível nacional.

Só recentemente, com o recrudescimento da tradição académica, é que se codificaram várias regras de praxe, transmitidas de geração em geração.

A nossa Associação entendeu por bem compilar em síntese algumas dessas regras que rotulamos nomeadamente de «Código do Caloiro».

Atempadamente, durante o período da Queima das Fitas, com autorização dos professores, consciencializámos os alunos do primeiro ano para as regras de praxe e explicámos o significado das principais cerimónias académicas. Queremos, sobretudo, marcar uma posição correcta e consciencializante da Universidade Portuguesa, para que, do ponto de vista académico, dignificásemos a Academia e justificássemos o orgulho que temos de lhe pertencer.

«PJ» — O que vai ser a recepção ao caloiro?

Diego Falcão — Pretendemos que a nossa recepção seja uma festa de praxe que deixe boas recordações àqueles que nela participarem, em especial aos nossos caloiros cujo comportamento será submetido aos testes praxísticos que deverão ser exercidos pelos «doctores» dentro do rigor ético que a praxe impõe. Estaremos atentos a quaisquer excessos que ultrapassem a interpretação adequada do código que publicámos, tanto mais que preconizámos a aplicação da lei inteira justiça.

Neste sentido, a Associação Académica da Universidade Portuguesa tem contado com a imprescindível e sempre prestável colaboração dos «digníssimos doctores» do Conselho de Veteranos.

Sérgio Mourão

Dia

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Associação Académica
Univ. Portuguesa